

Capítulo 11

Patápio Silva: trajetória do flautista interrompida em Florianópolis

Maurício Oliveira

O enterro do flautista Patápio Silva parou Florianópolis na tarde de quinta-feira, 24 de abril de 1907. Gente de todas as classes acompanhou o cortejo a partir do saguão do Hotel do Comércio, no qual o músico se hospedara seis dias antes e morrera durante a madrugada, vitimado por uma doença misteriosa. “À passagem do féretro viam-se todas as habitações repletas de famílias, que derramavam copiosas lágrimas lamentando a perda de tão glorioso brasileiro”, registrou o jornal *Reforma*.¹ Aos 26 anos, já famoso em todo o Brasil, Patápio fazia uma turnê pelo sul do país com o objetivo de juntar dinheiro para continuar os estudos na Europa. Chegara à capital catarinense aparentando saúde plena, mas no dia marcado para a apresentação, foi acometido por uma febre que o deixou progressivamente delirante. Nem mesmo o melhor médico da cidade, Antônio Bulcão Viana, conseguiu reverter o quadro. Em dúvida sobre a causa da morte, ele anotou na certidão de óbito um diagnóstico genérico: gripe adinâmica.

Enquanto o corpo baixava à sepultura, na cova rasa 22.964, o estudante de Direito Fúlvio Aducci, 23 anos, que viria a se tornar governador de Santa Catarina, pediu a palavra: “Esmaga-me o coração ver, compreender, sentir que dentro deste horrível caixão desaparece para sempre, na pavorosa escuridão deste poço, o extraordinário talento de um artista cuja divina inspiração musical já nos acostumamos a considerar uma glória patricia”, discursou, conforme registro do jornal *O Dia*.² Jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo

elogiaram as homenagens prestadas em Florianópolis ao grande nome da música nacional, que morrera por acaso na cidade.

Mulato, de origem humilde, nascido em Itaocara (RJ) e criado em Cataguases (MG), Patápio se destacou como aluno do curso de flauta do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, capital federal à época. Antes de ser reconhecido pelo seu talento de músico e compositor, contudo, tornara-se célebre como vítima do “caso da flauta encantada”, apelido que a imprensa da época deu ao episódio do sumiço da flauta de prata com a qual Patápio seria presenteado ao final do curso por ter sido um aluno de destaque. Doador por uma dama da alta sociedade carioca, a flauta sumiu dos armários da escola no dia da solenidade da entrega. A situação se tornou bastante constrangedora para os administradores do Instituto, especialmente em decorrência da ampla cobertura dada por veículos satíricos como *O Malho*. Só três meses depois o caso chegou ao fim, com o reaparecimento do instrumento no mesmo armário de onde sumira.

Naquela virada de século, seguir a carreira de músico era uma das poucas possibilidades de futuro digno para os jovens oriundos de famílias pobres. Nesse sentido, a música representava mais ou menos o que o futebol representa hoje. Se tivesse nascido um século mais tarde, Patápio provavelmente trocava a flauta que o acompanhava nas brincadeiras infantis por uma bola e sonharia com um futuro de fama e fortuna como jogador.

Havia um grande número de mulatos e negros dedicados à música popular no Rio de Janeiro da época. O diferencial de Patápio foi ter transitado com sucesso – e não apenas como instrumentista, mas também como compositor – pela seara da música erudita, típico produto da sofisticação europeia. Nesse caminho, deparou-se com diversas situações de

preconceito, velado ou explícito. Um caso relatado pela *Gazeta de Notícias* como homenagem póstuma dá boa noção da resistência enfrentada pelo flautista:

Quando entrava num salão, a impressão não era boa. Ele próprio o sentia, ele próprio o dizia. Olhavam-no como quem esperava um insucesso. Mas Patápio perfilava-se, aos lábios levava a flauta, saía um som, saía outro, um gorjeio, um trinuio e, minutos depois, a sala era toda dele, havia destruído todas as desconfianças. Contam (a roda dos novos sabe isto) que uma vez ele fora levado a um dos salões ‘chics’ de Botafogo. Ao entrar na sala houve sorrisos abafados. Quem seria aquele mestiço que tinha assim direito de entrar no esplendor de um salão?! O próprio dono da casa não o conhecia, o próprio dono da casa olhou-o com maus olhos. O rapaz que o havia levado à festa percebera o ambiente, o pobre do Patápio percebera também e não fizera caso. Estava já acostumado. Chegou a hora de se fazer música. Patápio tocou. Meia hora depois era a menina dos olhos daquela gente toda.³

Cherchez la femme

Foi ainda no tempo em que estudava no Instituto Nacional de Música que Patápio se tornou o primeiro instrumentista a gravar um disco solo no Brasil, sob encomenda da Casa Edison. Depois da celebridade trazida pelo caso da flauta encantada, o pioneirismo no mercado fonográfico o tornou conhecido de vez, de Norte a Sul do país, a ponto de ser citado por Erico Verissimo em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta*: “De quando em vez meu pai aproximava-se do gramofone, dava-lhe corda, punha-lhe no prato um disco, cuja melodia, fanhosa e metálica, pouco depois enchia o ambiente. O famoso flautista brasileiro Patápio Silva interpretava, numa chapa da Casa Edison, do Rio de Janeiro, a *Serenata* de Schubert, música que provocava em mim uma dessas inexplicáveis tristezas de apertar o peito”. [referência](#)

A inesperada morte de um rapaz em pleno vigor da juventude causava estranheza – e os boatos tomaram conta de Florianópolis já durante o enterro. Dizia-se que ele havia sido envenenado no bocal da própria flauta por um figurão da política local interessado na bela mulher que o acompanhava na turnê pelo Sul. Foi um boato tão forte, que persistia quatro décadas depois da morte do flautista, em 1946, quando o compositor e pesquisador musical

Almirante apresentou um programa especial sobre Patápio em seu horário na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, de grande audiência em todo o país.⁴ Almirante havia pedido aos ouvintes que enviassem informações sobre o flautista. Algumas das cartas recebidas comentavam as circunstâncias de sua morte e relembavam os boatos de envenenamento.

Os autores da monografia *Patápio – Músico Erudito ou Popular?* ouviram o testemunho de Sebastião Vieira, que tinha 12 anos quando o flautista morreu. De acordo com Vieira, que trabalhava como tipógrafo no jornal *O Dia*, a cidade ficou em rebuliço não só com a presença de Patápio, mas também com “a beleza da linda paraguaia” que o acompanhava, hospedada no mesmo hotel. A versão da “paraguaia” foi citada em outra ocasião por mais uma testemunha ocular, José Bonifácio Camejo, que escreveu ao jornal *O Estado* para comentar a série de três artigos publicados em 1977, por Abelardo Sousa, sobre Patápio – motivados pelo fato de que a novela *Nina*, então no ar pela TV Globo, trazia como tema de abertura a valsa *Primeiro Amor*, de Patápio:

Sr Redator: Com muito interesse, li o artigo do sr Abelardo Sousa, na edição deste matutino de domingo, 17/7, sobre o grande Patápio Silva, aqui falecido em 1907. Assisti, garoto ainda, os funerais do inditoso músico, acompanhando o féretro até o antigo cemitério público. (...) O sr. A. Sousa por educação, por princípios éticos, aliás muito apreciáveis, não fez menção à companheira do desditoso Patápio. Belíssima mulher de origem paraguaia, parece. Também não venho especialmente meter minha colher, mas, como dizem os franceses: ‘cherchez la femme’.⁵

No terceiro artigo sobre Patápio, Abelardo Sousa contou ter recebido uma carta, assinada por F. Gouvêa (“pessoa que não conheço”, ressaltou), com comentários adicionais sobre o que José Bonifácio Camejo havia escrito. Dizia a carta:

O sr Camejo, em sua carta, usando da expressão ‘cherchez la femme’, parece haver timidamente tentado aflorar o assunto (morte de Patápio), que não ousou, entretanto, aprofundar, talvez, entre outros motivos, por não lhe deixarem os seus treze ou quatorze anos de idade, que tinha à época, discerni-lo com segurança. Falava-se na ocasião que alto funcionário do Estado, chefe de família com prole numerosa, havia presenteado a bela

companheira do grande flautista com uma jóia valiosíssima (creio que anel) e que essa peça rara havia sido subtraída, pelo próprio funcionário, de alguém que era nada mais, nada menos, que sua legítima esposa, senhora de peregrinas virtudes. (...) O escabroso episódio, ‘potin’ do ano, assunto de todas as rodas da nossa então pacata cidade, teve, alguns meses mais tarde, as honras da letra de forma na ‘Gazeta Catarinense’, diário que fazia cerrada oposição ao governo local. Se o prezado professor se der ao trabalho de compulsar as coleções daquele órgão de imprensa, anos de 1907, 1908 ou 1909, existentes na nossa Biblioteca Pública, certamente ali encontrará, com abundância de pormenores, a descrição do fato a que me refiro e a citação, com todas as letras, dos nomes nele envolvidos. O jornal em questão foi, em conseqüência, ocupado e empastelado pelo Governo do Estado, o que revela a exaltação do momento, mas havendo o seu diretor obtido habeas corpus do Supremo Tribunal Federal, era de ver-se, dias depois, os pequenos jornaleiros, cada um acompanhado de uma praça embalada do exército, apregoando a venda avulsa pelas ruas e praças da Capital!⁶

O jornal *O Dia*, dirigido por Tiago da Fonseca, era alinhado ao Partido Republicano, que estava no poder. No ano seguinte ao da morte de Patápio, a oposição passou a se manifestar por meio do jornal *A Gazeta Catarinense*, dirigida por Hercílio Luz. O que Gouvêa contava na carta era que, quando a *Gazeta* soube da história do líder rival que roubara uma joia da própria esposa para presenteá-la a outra mulher, a teria publicado, causando, naturalmente, enorme embaraço.

Infelizmente não foi possível confirmar essa versão ao pesquisar os arquivos de *A Gazeta Catarinense*. Nos números que constam das incompletas coleções encontradas na Biblioteca Pública de Santa Catarina, em Florianópolis, e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, não há referência ao episódio. Teriam sido os números comprometedores extraídos por alguém interessado em esconder o passado – ou pelo menos seus detalhes mais picantes? E quem seria a bela mulher que acompanhava Patápio? A pesquisa nos jornais de Florianópolis dos dias seguintes ao da morte do flautista revelou o nome da atriz e cantora Laly Mafaldi – italiana, que pode ter sido perfeitamente confundida com uma paraguaia. Em visita ao jornal *O Dia* no dia seguinte à morte do músico, Laly contou que

era sua intenção, manifestada a diversas pessoas, mandar erigir um mausoléu à memória do seu distinto colega de arte. Entretanto, para não tirar à mocidade catarinense a glória de prestar essa homenagem ao moço extraordinário que conquistara tão avantajada posição no mundo da arte, declara associar-se à idéia dos jovens catarinenses, concorrendo com a quantia que estes julgarem necessária para tão nobre fim. Além disso, fará ela uma oferta para o Asilo de Órfãos, a fim de que as meninas asiladas roguem a Deus pela alma de Patápio.⁷

É fácil imaginar a estranheza despertada pelo relacionamento entre um mestiço e uma beldade branca numa pequena cidade como Florianópolis, que contava à época com não mais que 15 mil habitantes – e o burburinho que isso deve ter causado em um lugar tão provinciano e conservador. Passadas apenas duas décadas da abolição da escravatura, o público que aguardava pela apresentação de Patápio no Clube 12 de Agosto, composto pela elite branca da capital catarinense, possivelmente não estava ainda preparado para uma demonstração tão explícita de que os tempos eram, de fato, outros.

Mesmo em centros maiores, como o Rio de Janeiro, o “esperado” era que homens mestiços ou negros se relacionassem apenas com mulheres mestiças ou negras. Se alguém podia subverter a ordem estabelecida, eram os rapazes brancos de origem simples, que tinham dificuldade para se aproximar de moças brancas oriundas de famílias em condições semelhantes ou superiores, uma vez que essas moças almejavam se relacionar com rapazes de alto nível social.⁸

O concerto que não houve

Patápio morreu às duas horas da madrugada, e às seis, o comissário de polícia da capital, Fernando Machado, compareceu ao Hotel do Comércio. Na ausência de parente do finado, Machado recolheu seus bens, tendo como testemunhas o tenente-coronel Manoel Vicente Ferreira de Melo, comandante do 3º Batalhão, e José Leite de Macedo, o

proprietário do Hotel do Comércio. Os bens foram entregues ao juiz de direito da comarca, que, em seguida, nomeou o dono do hotel depositário dos bens deixados por Patápio.

A notícia correu assim que o dia amanheceu, comovendo a cidade. O jornal *O Dia* distribuiu um boletim extraordinário, convocando os moradores para o enterro: “Tendo falecido hoje às 2 horas da madrugada o festejado flautista brasileiro Patápio Silva, convidamos a todos para conduzi-lo ao Cemitério Público, devendo o enterro sair do Hotel do Comércio às 4 ½ da tarde.” **referência** Os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo foram informados ao final da manhã por um telegrama enviado pelo secretário do governo de Santa Catarina, Honório da Cunha. Além de descrever o ocorrido, Cunha afirmava que todas as despesas decorrentes da enfermidade e do funeral de Patápio ficariam por conta do governo de Santa Catarina – o que na realidade não ocorreu, como veremos adiante.

Uma das coroas colocadas ao redor do caixão durante o velório trazia a inscrição “lembrança de uma atriz”, provável homenagem de Laly Mafaldi. Após a encomenda do corpo feita pelo padre Francisco Xavier Giessbert, o cortejo seguiu rumo ao cemitério, a dois quilômetros dali – no local que viria a ser a cabeceira da ponte Hercílio Luz, a primeira ligação entre a ilha e o continente, inaugurada em 1926. Em determinado momento, o caixão era carregado por seis maestros locais – Adolfo Melo, Pedro Alves Pavão, Max Freyesleben, Raimundo Bridon, Alexandre Wolff e Constantino Böeckler. A Banda do Corpo de Segurança e a Sociedade Musical Amor à Arte, fundada em 1897 e existente até hoje, executaram marchas fúnebres ao longo do trajeto.

Era um desfecho triste para dias que foram tomados por dois tipos de expectativa: inicialmente pela chegada do famoso músico e depois, pela sua recuperação. A presença de um artista de fama nacional era algo raro para a capital catarinense, que aguardava com ansiedade o concerto do flautista, como ficava claro nas palavras do cronista de *O Dia*:

A nossa sociedade, tão pobre de distrações artísticas, vai ter dentro de poucos dias o prazer de ouvir um flautista de raro merecimento. Referimo-nos a Patápio Silva, chegado anteontem do Norte. Apesar de moço ainda, Patápio Silva não é, no nosso acanhado meio musical, um nome desconhecido; os ecos de seus brilhantes sucessos na Capital Federal e em São Paulo já tinham percutido entre nós, trazendo-nos vitoriosamente a forma de sua grande e invejável aptidão musical. (...) Dizem os críticos que a sua flauta, mágica ao soproduma inspiração superior, obediente, escrava duma alma sonhadora e afetiva, sabe interpretar, com poderosa maestria, os mais difíceis e delicados pensamentos musicais.⁹

Patápio chegou à cidade em uma sexta-feira, 12 de abril de 1907. Hospedou-se no Hotel do Comércio, localizado à Rua Altino Correia, atual Conselheiro Mafra. O prédio ficava então à beira-mar – na década de 1970, o aterro da Baía Sul afastaria o mar para quase um quilômetro dali. Nos dias que restavam até o espetáculo, marcado para a quinta-feira seguinte, dia 18, no Clube 12 de Agosto, Patápio realizou ensaios no hotel, em companhia do maestro e também flautista Álvaro Sousa, compositor de obras para orquestra, piano, violino e flauta, e de outros músicos locais. Alguns foram convidados por Patápio para acompanhá-lo no concerto: era o caso das pianistas Maria Sales, Luiza Couto, Leonie Lapagesse e da cantora Maria Couto, além do maestro Adolfo Melo.

O programa anunciado no jornal *O Dia*, na véspera do concerto, era o seguinte:

Primeira parte:

I. DONIZETTI. *Lucia di Lammermoor*. Piano a quatro mãos, senhorita Leonie e d. Maria Sales.

II. POPP. *Fantasia*. Flauta. Patápio.

III. A. MELO. *Solo de estudo*. Violino. Pelo autor.

IV. LÉONARD. *Fantaisie sué doise*. Flauta. Patápio.

V. ALMAGRO. *Non ti destare*. Canto. Senhorita Maria Couto.

VI. PATÁPIO. *Variação sobre o Carnaval de Veneza*. Flauta. Pelo autor.

Segunda parte:

VII. NESSLER. *O Grito*. Piano. Senhorita Leonie Lapagesse.

VIII. RUBINSTEIN. *Melodie*. Flauta. Patápio.

IX. PUCCINI. *Visse d'arte (Tosca)*. Canto. Senhorita Maria Couto.

X. A. MELO. *Berceuse*. Violino. Pelo autor.

XI. C. GOMES. *Il Guarany (Fantasia)*. Flauta. Patápio. **referência**

Quando chegou o esperado dia 18, quem estava se preparando para a noite de gala foi surpreendido pela notícia de que o espetáculo seria adiado, em decorrência de um

repentino mal-estar sofrido por Patápio. A capa do jornal *Reforma* chegou a anunciar a apresentação do flautista, mas a página dois trazia um esclarecimento: “Já estava impressa a primeira página, em que noticiamos o concerto em que devia ter lugar hoje, quando soubemos ter sido acometido de *influenza* o exímio professor sr Patápio Silva, por cujo motivo ficou adiado para sábado”.¹⁰

Todo o litoral catarinense estava sendo fortemente atingido pela gripe naquele momento. A análise da estatística demógrafo-sanitária de Florianópolis em 1907 deixa claro que a capital enfrentava um surto de gripe em abril, quando Patápio chegou à cidade. Foram 12 casos fatais naquele mês, metade dos 25 óbitos causados pela doença ao longo de todo o ano.¹¹ Na sessão de abertura do Congresso Representativo, em 5 de agosto de 1907, a mensagem lida pelo governador, coronel Gustavo Richard, fez menção ao surto, embora reduzindo as proporções do problema: “O estado sanitário nestes doze últimos meses foi satisfatório e só na passagem do verão para o inverno foi que apareceram alguns casos de gripe.” **referência** No ano anterior, haviam sido apenas sete os casos de morte provocada pela gripe na cidade, concentrados entre abril e julho. Mas naquele mês de abril de 1907, os 12 óbitos decorrentes da gripe a transformaram na principal causa das 60 mortes registradas em Florianópolis. As más condições de saúde pública se agravavam ainda mais com as intempéries. Já com Patápio na cidade, Florianópolis registrou uma forte *lestada*, acompanhada de chuvas torrenciais. Em seu clássico *Santa Catarina, A Ilha*, Virgílio Várzea explicou em detalhes o significado do termo:

O porto de Florianópolis e todos os da baía do sul são abrigados e plácidos na maior parte do ano, em que reinam quase sempre os ventos do quadrante do norte; e só pela quadra invernososa é que eles, voltados para o sul como estão, se apresentam revoltos e com mar esparcelado, batidos pelos ventos desse lado que sopram às vezes furiosamente, acompanhados de aguaceiros ou pequenas tormentas. Em geral, porém, esses fenômenos meteorológicos são rápidos, dando e passando logo, perdurando contudo se o vento ronda

para leste, o que produz então verdadeiras tempestades que tomam dali para o sul o nome característico e muito conhecido de *lestadas*.¹²

Na noite de 18 de abril, aquela em que Patápio deveria se apresentar, “a impetuosidade do vento (...) foi tal que derrubou muitas árvores em diversos pontos da cidade e nos subúrbios, causando também o desmoronamento de muros e cercas”, registrou *O Dia*.¹³

Se o clima adverso já era difícil de ser enfrentado pelos nativos, para Patápio havia o agravante de não estar habituado ao frio. Na faixa etária dele, contudo, não era comum sucumbir à gripe. Dos 16 homens entre 20 e 30 anos que morreram em Florianópolis no primeiro semestre de 1907, apenas dois foram vitimados pela doença. A grande *causa mortis* nessa faixa etária era a tuberculose pulmonar, com oito casos no período. Entretanto, o problema de saúde enfrentado pelo flautista podia ser de outra natureza, não diretamente relacionada ao clima – uma infecção intestinal, por exemplo. Ou, como diziam os boatos da época, um envenenamento.

A cidade deixava a desejar em termos de saúde pública, conforme admitiam as próprias autoridades responsáveis pela área. Famílias que dispunham de melhores condições financeiras passaram a adquirir chácaras em locais afastados do centro para escapar dos riscos causados pela falta de saneamento. Somente em 1909, dois anos depois da morte de Patápio, as primeiras redes de água de Florianópolis seriam assentadas. Havia grande preocupação com a propagação de doenças contagiosas, como demonstra uma reportagem do jornal *O Dia*, publicada logo acima de uma nota sobre o estado de saúde de Patápio – levando até a supor que os assuntos eram correlatos:

Males contagiosos – Estamos informados de que o ativo e zeloso sr dr Henrique Chenaud, digno Inspetor de Saúde, está empregando todos os meios a seu alcance para que as moléstias contagiosas não se propaguem nesta capital, ora mandando fazer rigorosas

desinfecções nas casas onde falecem pessoas afetadas de moléstias infecto-contagiosas, ora providenciando, logo em seguida, sobre a respectiva limpeza das mesmas casas. Este interesse tomado por tão distinto facultativo é digno de louvor e pedimos ao público que o coadjuve, informando-o dos casos de que tiver conhecimento, a fim de que possa ele obter o fim desejado. A Inspetoria de Saúde fará também desinfecção nas casas deixadas por pessoas afetadas de tais moléstias, desde que tenha ciência do ocorrido.¹⁴

Intrigada sobre o mal que atingira o flautista, a cidade acompanhou de perto a evolução do quadro. A expectativa inicial era a de que ele, jovem e saudável, conseguiria se restabelecer rapidamente. O espetáculo chegou a ser anunciado para o sábado, dia 20, e depois para o domingo, 21, até ser postergado sem previsão de data.¹⁵

Os acordes da memória

Na manhã de sábado, dia 27, dois dias após a morte de Patápio, foi rezada na Catedral de Florianópolis uma missa em intenção à memória do flautista, encomendada por uma comissão de jovens da cidade. A solenidade contou com a presença maciça de integrantes das famílias mais tradicionais e autoridades de todo tipo – músicos, religiosos e representantes de instituições como Correios, Estação Telegráfica e consulados de outros países. A banda de música do Corpo de Segurança estava outra vez presente, como no enterro. Também no Rio de Janeiro houve uma missa, em 6 de maio de 1907, quase duas semanas após a morte de Patápio, mandada rezar na Igreja de São Francisco de Paula por um grupo de amigos do flautista. Durante a cerimônia, Francisco Braga regeu a orquestra que, acompanhada pelos barítonos J. de Larrigue de Faro e Rossi, executou a composição de Patápio *Evocação*.

Ainda em meio à comoção pelo ocorrido, a Sociedade Literária e Recreativa Catarinense, um grupo de moças de Florianópolis, organizou uma campanha de arrecadação para a construção de um mausoléu para Patápio, iniciativa à qual Laly Mafaldi

se referiu ao visitar a redação do jornal *O Dia*. A Sociedade promoveu na noite de quinta-feira, 9 de maio de 1907, no salão do Clube 12 de Agosto – o mesmo em que Patápio realizaria seu espetáculo –, uma sessão literária e um concerto, eventos cuja renda seria revertida em prol do projeto do mausoléu. Antes das apresentações musicais (incluindo a do maestro Adolfo Melo, que tocou o *Carnaval de Veneza* ao violino), o “jovem bacharelado” Fúlvio Aducci aproveitou mais uma vez para discursar – com “arroubos de eloquência e em frases rutilantes, discorreu admiravelmente sobre o talento de Patápio Silva”, como descreve novamente o cronista de *O Dia*.¹⁶ O dinheiro arrecadado teve outras destinações, pois o projeto do mausoléu não chegou a ser realizado.

No início de novembro de 1907, o pai de Patápio, o barbeiro Bruno da Silva, chegou a Florianópolis para receber o espólio do filho, incluindo a famosa flauta. Depois de uma semana na cidade, Bruno regressou ao Rio de Janeiro, acompanhado por Laly Mafaldi, que parece ter permanecido em Florianópolis ao longo dos seis meses que se seguiram à morte de Patápio.¹⁷ Infelizmente não foi possível apurar as razões dessa longa permanência, mas o fato de ter retornado no mesmo navio de Bruno reforça a evidência de que havia entre Patápio e Laly um vínculo maior do que o mero coleguismo artístico.

Os bens de Patápio, incluindo a flauta de prata, permaneciam retidos em Florianópolis porque havia dívidas com o Hotel do Comércio e a empresa Ortiga & Fernandes, que realizou o enterro – o que contraria, portanto, a versão de que os custos do funeral haviam sido bancados pelo governo do estado de Santa Catarina, divulgada nos dias seguintes à morte de Patápio. A dívida com a funerária foi paga pela arrecadação promovida por Tiago da Fonseca, do jornal *O Dia*, veículo que pertenceria à corrente política do suposto rival de Patápio. Mais de um mês depois da visita do pai do músico a Florianópolis, *O Dia* contava que havia sido entregue à empresa Ortiga & Fernandes a

quantia de 202 mil réis – para efeito de comparação, a assinatura anual do jornal, que era diário, custava 18 mil réis.¹⁸

Os restos mortais do flautista foram exumados no início de agosto de 1915 para serem remetidos à família, que os pedira. Tais informações constam nos registros do arquivo do cemitério de Florianópolis. Esses registros revelam ainda que, ao ser aberta a sepultura, o coveiro Nestor Machado encontrou nela uma medalha de ouro com os dizeres *Recordação de Batatais, 22/06/906 e Homenagem ao flautista Patápio*. A medalha e os restos mortais do flautista foram entregues, em 18 de dezembro de 1915, ao procurador do pai em Florianópolis, o também barbeiro Alberto Correia, proprietário do Salão Brasil, instalado à Praça 15 de Novembro.¹⁹

Patápio estaria, desde então, sepultado no Cemitério São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro – no qual não foi possível encontrar registro que permitisse localizar seu túmulo. De qualquer forma, a transferência dos restos mortais pôs fim ao inesperado vínculo de oito anos entre o flautista e a pequena cidade que não o viu tocar. Mas a memória da impressionante trajetória e do imenso talento musical continua a encantar todos que têm a oportunidade de conhecer a obra e a vida de Patápio.

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. *Meninas perdidas*. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Epoque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapuí, 2002.

MENEZES, Cícero. *Patápio Silva*. Rio de Janeiro: Americana, 1953.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

NECKEL, Roselane. *A República em Santa Catarina*. Modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

PAOLA, Andrey Quintella; GONSALEZ, Helenita Bueno. *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro – 150 anos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O choro: reminiscências de chorões antigos*. Rio de Janeiro: 1936 (Funarte, 1977).

RAMOS, Átila. *Memória do saneamento desterreense*. Florianópolis: Casan, 1986.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

SOUSA, Abelardo. *O mestre-escola viaja no tempo*. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1978.

SOUZA, Maria das Graças Nogueira de; PEDROSA, Henrique; PANTOJA, Selma Alves; CECHINE, Sinclair Guimarães. *Patápio – músico erudito ou popular?* Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora 34, 2005.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: a ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VASCONCELOS, Ari. *Panorama da música brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Livraria Sant'anna, 1977.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. Porto Alegre: Globo, 1973.

¹ *Reforma*, 25/04/1907

² *O Dia*, 25/04/1907.

³ *Gazeta de Notícias*, 25/04/1907.

⁴ Citado em SOUZA, Maria das Graças Nogueira de; PEDROSA, Henrique; PANTOJA, Selma Alves; CECHINE, Sinclair Guimarães. *Patápio – músico erudito ou popular?* Rio de Janeiro, Funarte, 1983; o programa teria ido ao ar em 19 de março de 1946.

⁵ *O Estado*, 3/08/1977.

⁶ *O Estado*, 21/08/1977.

⁷ *O Dia*, 27/04/1907.

⁸ ABREU, Martha. *Meninas perdidas; os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁹ *O Dia*, 14/04/1907.

¹⁰ *Reforma*, 18/04/1907.

¹¹ Os outros 13 óbitos foram registrados em sete diferentes meses, nenhum deles com mais de três casos.

¹² VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: a ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 132.

¹³ *O Dia*, 20/04/1907, referindo-se a acontecimentos de “anteontem”.

¹⁴ *O Dia*, 19/04/1907.

¹⁵ *O Dia*, 21/04/1907.

¹⁶ *O Dia*, 12/05/1907.

¹⁷ *O Dia*, 10/11/1907.

¹⁸ *O Dia*, 27/12/1907.

¹⁹ Arquivo Histórico Municipal de Florianópolis. Fundo Cemitério Público. Série Terrenos de Cemitério. Sub-série Termos de arrendamento ou venda, ano 1899 a 1921, número 3, caixa 1, p. 24.